

PERSONALIDADES
NEGRAS III

Associativismo das Mulheres Negras





Associativismo das Mulheres Negras



Nas últimas décadas do século XIX era proibido as pessoas escravizadas fazerem parte de associações, ou matricularem-se em escolas. No mesmo ano da abolição, fundou-se em Curitiba a Sociedade 13 de Maio, no dia 6 de junho de 1888. A Sociedade 13 de Maio cobrava mensalidade e organizava festas, o dinheiro arrecadado era utilizado para pagar as consultas médicas, comprar remédios e arcar com as despesas do velório. Organizaram uma escola primária noturna para que as/os sócias/os pudessem estudar após o dia de trabalho.

Para as mulheres tornarem-se sócias, precisavam ter a autorização de algum homem de sua família (pai, irmão, marido), isso fez com que o ambiente da Sociedade 13 de Maio abrigasse diversas famílias. Inicialmente a sede foi a casa do sócio diretor geral João Batista Gomes de Sá. Entre as famílias que fizeram parte da Sociedade estão os: Freitas, Garcia, Marques, Mendes entre outros. Paulo Marques dos Santos e Virgília Alves Marques casaram-se em 1905, Paulo era pintor e Virgília empregada doméstica, juntos tiveram 6 filhos: Enedina, Eraclides, Erondino, Hermes, Enedino e Ernani. A única filha do casal é a 1ª engenheira negra do país, Enedina Alves Marques. Paulo, Virgília e Hermes ocuparam diversos cargos na diretoria da Sociedade 13 de Maio, Sociedade 28 de Setembro e Grêmio 13 de Maio. Dentre essas associações negras, apenas a Sociedade 13 de Maio mantém-se em funcionamento.

(Autora: Fernanda Lucas Santiago)



PERSONALIDADES
NEGRAS III

Futebol Negro em Curitiba



SISMNAC



Futebol Negro em Curitiba



O termo "futebol negro" se refere à história do futebol na cidade e à participação de jogadores negros, especialmente no contexto do Britânia Sport Club, um dos clubes mais antigos e importantes de Curitiba. O Britânia, fundado em 1914, foi um dos pioneiros em ter jogadores negros em seu elenco, sendo conhecido como o "clube dos pretos". Em Curitiba, há registros de futebol improvisado a partir de 1906. Nesse período, também houve formação dos primeiros times de futebol com uma certa organização formal. Em 1913, ocorreu a proibição de futebol na rua bem como da prática de capoeiragem. Por conta disso, surgiram agremiações populares para legitimar a prática.

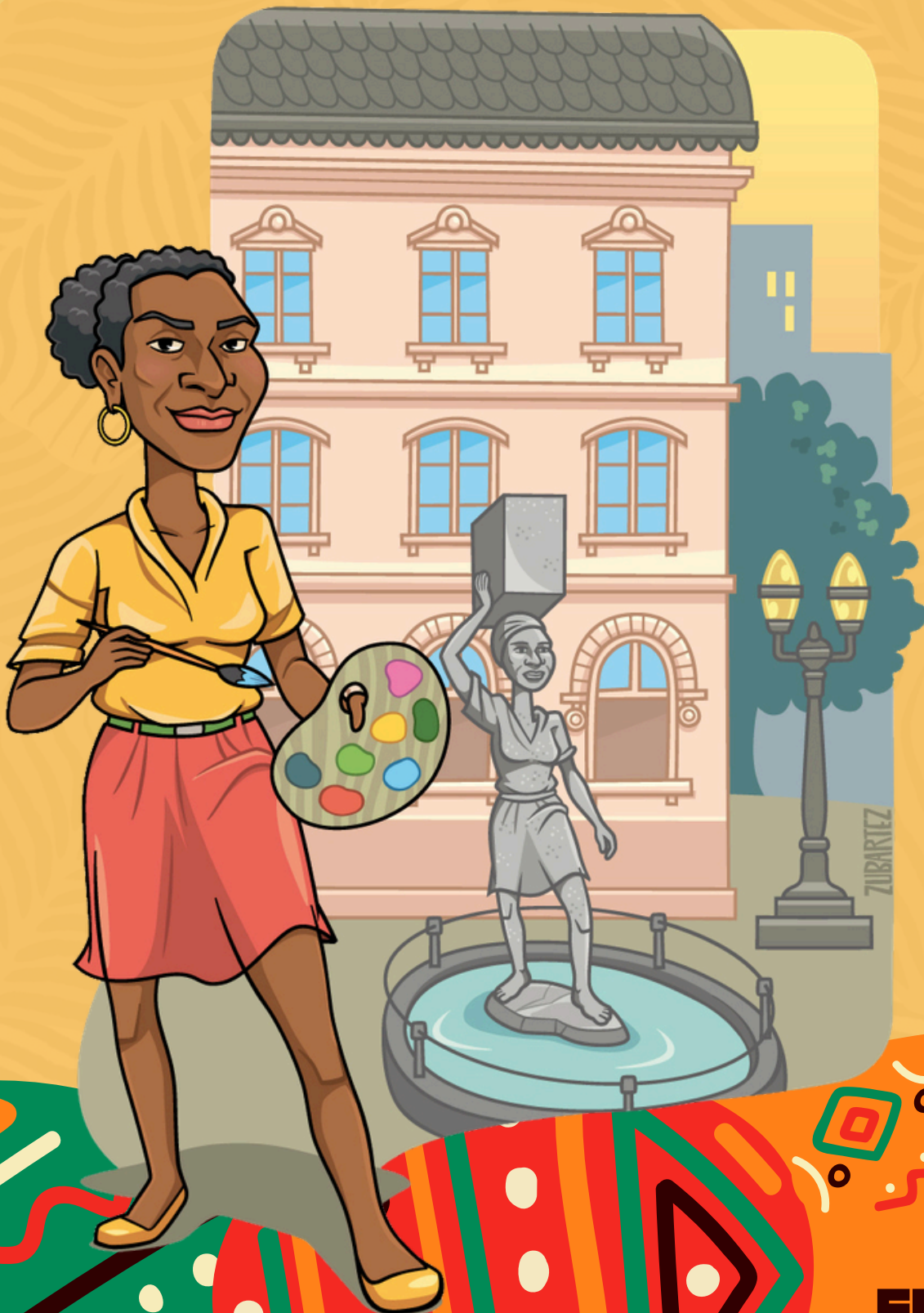
Em 1915, uma epidemia de futebol tomou conta da cidade de 50 mil habitantes, com cerca de 20 espaços improvisados. Em 1916, o Britânia Sport Club, com empregados da fábrica de vidros, entrou na Liga Sportiva Paranaense (LSP), com diversos atletas negros, com destaque para Floriano Moura e Zito. Isso fez do Britânia o segundo time do Brasil a aceitar jogadores negros em sua equipe, sem restrições. O primeiro foi o Bangu, clube do Rio de Janeiro famoso por ter sido fundado pela classe trabalhadora e por atletas afro-brasileiros. E até 1923, esse time foi sete vezes campeão da liga. Em 1926, há o registro de destaque da presença de negros em times oficiais da Lyga Curitybana de Desportos: Athayde Santos e Moacyr Gonçalves.



PERSONALIDADES
NEGRAS III



Emerenciana Cardoso Neves





Emerenciana Cardoso Neves

Conhecida artisticamente como Anita Cardoso Neves, nasceu no Rio de Janeiro em 14 de março de 1918, e formou-se em Escultura na antiga Escola Nacional de Belas Artes por volta de 1959. Foi escultora, poeta, declamadora e compositora, participando da elaboração de enredos para escolas de samba como Acadêmicos do Salgueiro e Unidos de Vila Isabel.



Em 1944, o artista Erbo Stenzel a retratou na escultura em bronze intitulada Água pro Morro, que simboliza uma mulher negra carregando uma lata de água na cabeça, em cena cotidiana inspiradora. Inaugurada em Curitiba em 1994 como uma fonte pública popularmente chamada de "Maria Lata D'Água", a obra não mencionava seu nome durante décadas. Nos últimos anos, iniciativas lideradas por ativistas negras e pesquisadoras negras vêm resgatando a verdadeira identidade da homenageada, culminando na instalação em 2023 de uma placa de bronze com seu nome e sua trajetória. Essa estátua é um símbolo relevante de resistência e reconhecimento da presença artística e cultural da mulher negra em Curitiba.



PERSONALIDADES
NEGRAS III

Professora Diva Guimarães




SISMNAC



Professora Diva Guimarães



Nascida em Serra Morena (Uraí), no interior do Paraná, neta de escravizados e filha de uma lavadeira, Diva Guimarães iniciou a sua batalha contra o racismo desde a infância. Concluiu formação em Educação Física e Fisioterapia e dedicou mais de 40 anos ao magistério em Curitiba, onde também foi atleta de destaque em basquete e velocista.

Em 2017, participou da Flip – Festa Literária Internacional de Paraty, emocionou a todas/os da plateia com seu relato sobre sobrevivência diante do racismo em Curitiba, no estado do Paraná e no Brasil. Em vídeo* que viralizou com milhões de acessos em poucas horas, seu discurso destacou a importância da sua mãe que, apesar do racismo, insistia para que estudasse, “sou uma sobrevivente, pela educação”, enfatizando que enfrentou o racismo investindo nos estudos e na leitura como ferramenta de superação.

Tornou-se inspiração nacional e foi convidada para integrar o elenco do filme Medida Provisória, dirigido por Lázaro Ramos em 2020. Diva faleceu em 11 de janeiro de 2025 em Curitiba, aos 85 anos, deixando um legado de coragem, resiliência e valorização da educação como caminho de resistência.

****link do vídeo: <https://zap.sismmac.org.br/divaguimaraes>***



PERSONALIDADES
NEGRAS III

Benedito Marques dos Santos





Benedito Marques dos Santos



Nasceu e viveu como homem negro, possivelmente escravizado, e trabalhou como mestre de obras/pedreiro em Curitiba no final do século XIX. Em 28 de janeiro de 1883, fundou a Sociedade Beneficente Protetora dos Operários, a primeira agremiação operária da cidade. O objetivo principal era prestar auxílio mútuo a operários, especialmente em caso de doença, morte, invalidez ou perseguições, garantindo também acesso à instrução e lazer. A maioria dos sócios era negra e trabalhadora, destacando-se o protagonismo negro na liderança e congregação da sociedade.

A entidade organizava debates sobre condições de trabalho, adesão a greves e celebrações do Dia do Trabalhador; durante a greve geral de 1917, a concentração de manifestantes ocorreu em frente à sua sede.

Também incentivou a educação: na década de 1930, tornou-se sede da “Escola Operária Benedito Marques”, com biblioteca e aulas noturnas para formação dos associados, liderada por professores negros como Adolpho Britto.



PERSONALIDADES
NEGRAS III

Vicente Moreira de Freitas





Vicente Moreira de Freitas

Nascido em Curitiba em 1857, filho de negros escravizados. Na capital do Paraná trabalhou como pedreiro em obras como a Catedral, o Teatro São Theodoro e a Igreja do Bom Jesus.

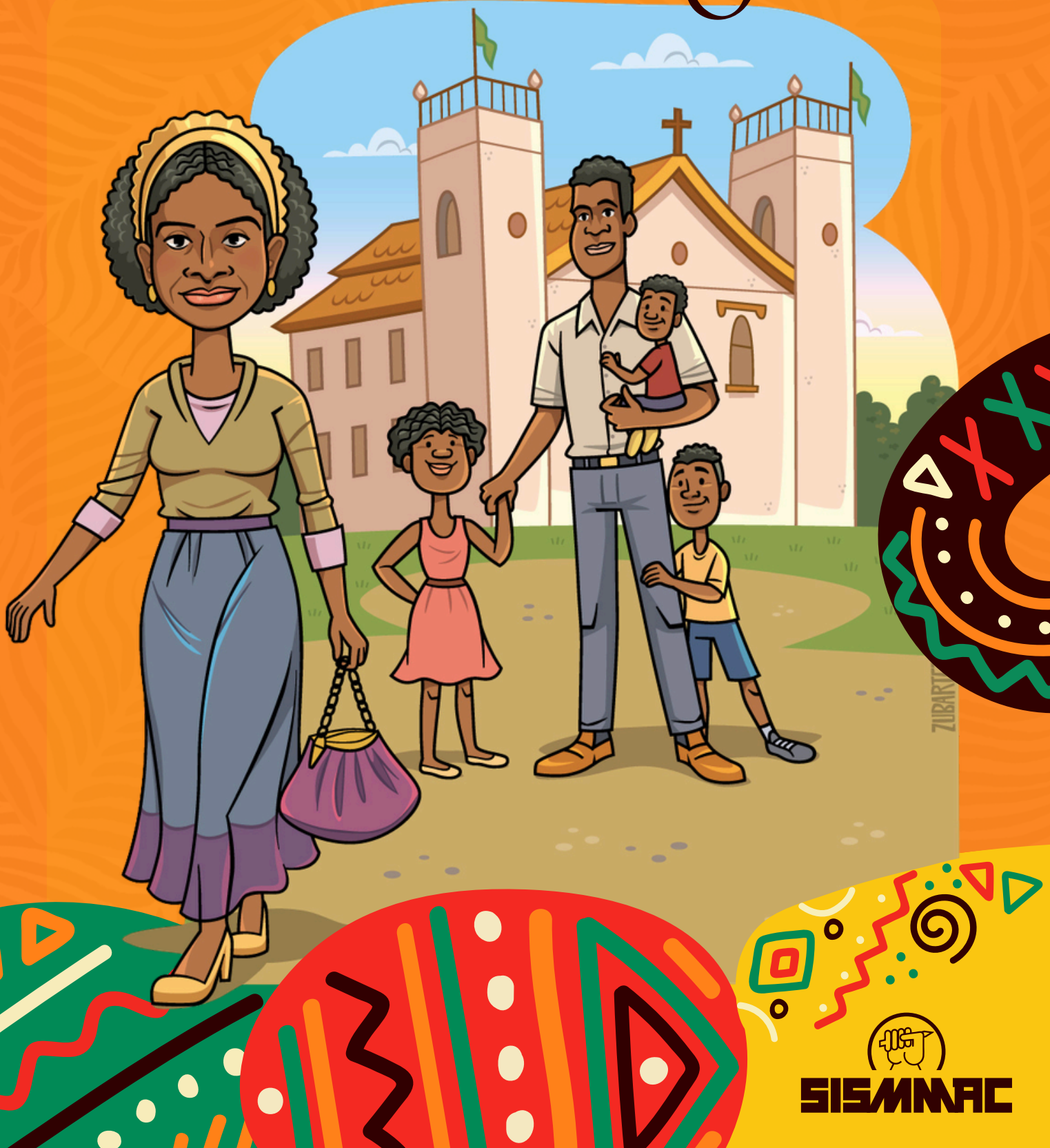
Conquistou sua alforria em 1884, pelo Fundo de Emancipação, aos 27 anos de trabalho como artífice. Em 3 de maio de 1888, participou da fundação da Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio, o segundo clube negro do Brasil, oficializada em 6 de junho de 1888. Foi eleito tesoureiro da primeira diretoria, sendo uma liderança negra ativa também na Sociedade Protetora dos Operários, onde viria a exercer cargos na década de 1900.

Faleceu em 1926, deixando um legado de organização comunitária, educação e solidariedade para ex-escravizados e descendentes em Curitiba



PERSONALIDADES
NEGRAS III

Maria Águeda





Maria Águeda

Mulher negra livre que se tornou símbolo da resistência em Curitiba. Nasceu entre 1776 e 1779 no bairro rural de Tinguiquera, hoje parte de Araucária, descendente de família pobre dona de “urubembas”, insetos usados para produzir corante vermelho.

Casou-se em 1794 com Salvador da Silva e teve três filhos — os registros batismal e matrimonial revelam sua condição de mulher parda e livre, embora vinculada a uma condição social precarizada.

Em 15 de agosto de 1804, recusou uma ordem de duas senhoras da elite curitibana para buscar brasas dentro da antiga catedral de Curitiba, respondendo que elas mandassem suas escravas, ato considerado provocação. Como punição, foi presa e ameaçada de ser amarrada ao tronco — mas acabou detida por algumas horas e libertada graças à intervenção de seu marido e de um soldado, fugindo ao castigo físico completo. Após o episódio, desaparece dos registros oficiais: sua vida não é documentada além daquele episódio, mas ergue-se, no imaginário coletivo, como símbolo da memória da resistência negra paranaense.

